A LUTA

A liberdade perene é uma conquista permanente.

ANO 2 | RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, 8 DE MARÇO DE 1908 | NUM. 29

A Luta

18 DE MARÇO

Aprossimando-se esta data, em que passa mais um aniversario da Comuna de Paris, onde tanto sangue proletario foi derramado e cujas lutas de tão fecundos ensinamentos foram para a humanidade e pretendendo nós comemora-la no prossimo numero com uma edição especial ilustrada, solicitamos a coadjuvação de todos os camaradas e amigos da *Luta*, que deverão procurar as listas de subscrição ou enviar o seu aussilio á redação o mais breve possivel.

Aos que queiram colaborar nessa edição pedimos de mandar seus orijinaes até o dia 14 do corrente.

Pedimos ás pessôas a quem endereçamos circulares solicitando fazer difuzão da *Luta*, de nos comunicar o numero de ezemplares que podem colocar. afim de regularizarmos a nossa tirajem.

Pedimos, outrosim, áqueles que possuem listas de subscrição voluntaria de no-las remeter o mais breve possivel.

O motivo porque o homem é violento

O individuo humano colocado na necessidade de defender-se e até de atacar, é muito natural que procure um arsenal, carregue suas armas e se sirva d'elas.

Pois não está a actual organização social baseada na força? E a ordem — o que M. Prud'homme appelida de ordem. — não será o violencia organizada? Em vão os defensores da auctoridade se esforçam para nos persuadir; a força cedeu o seu logar ao direito: os tribunaes e as prisões, a policia e os soldados demonstram claramente que o direito não é senão a força mascarada pelo sofisma e que quem julga justa a sua causa e tenha a audacia de revoltar-se contra a lei, deve esperar que lhe apontem contra o peito as espingardas da força armada.

E' sem duvida o novo modo de concepção reservado á nossa época; eu duvido, porém, que haja quem saiba apreciar as suas belezas e admirar os seus beneficios.

De sorte que hoje, como em tempo do fabulista: «A razão do mais forte é sempre a melhor.»

Bulhento, batalhador, violento, como não hade ser todo aquele, cuja vida não é senão um doloroso calvario: o comerciante esposto aos dissabores do comercio, o empregado sujeito a aturar os maus humores dos seus chefes, o operario azorragado pelas duras ezijencias do patrão e pelas reclamações do proprietario, o «desocupado» que vagueia, errante, de porta em porta, mendigando trabalho?

E todos os desgraçados, os arruinados, os vencidos, os aflitos, como poderão ser bons, doces, pacificos, trataveis, eles que, na lotaria da vida, jamais acertaram num numero feliz? eles, para quem as decepções e os pezares são o pão de cada dia? eles que a ezistencia passam torcendo as mãos na força do desespero? eles que, apesar da sua miseria, não conseguem ecsitar a comiseração dos seus antigos camaradas que conseguiram prosperar?

O seu coração transborda de odio, de resentimento e a sua boca está sempre apta para o insulto, a grosseria.

O' mulheres, companheiras queridas destes pobres desgraçados, sêde induljentes com vossos maridos e comprendei que se eles algumas vezes vos maltrataram, a culpa não é inteiramente sua, mas tambem do meio social, que os humilha, que os faz sofrer silenciosamente a afeição que eles sentem por vós e o pensamento dos querubins, seus filhos, dos quaes eles são o unico amparo.

E' necessario considerar que as lutas mantidas contra a natureza por nossos ascendentes, que o estado de guerra constante em que eles hão vivide transmitiram ao nosso sangue uma herança que, lonje de ser sufocada pelo meio social, é por ele ateiada.

O nacionalismo arma os povos uns contra os outros e o militarismo não contribue pouco em provocar no nosso organismo os instintos hereditarios de combatividade e de selvajismo.

A bondade, emfim, é quasi sempre reputada como debilidade e até como estupidez.

Ser muito bom — como se fosse possivel ser muito bom! — é sinonimo de ser muito besta, e assim será emquanto a ferocidade fôr considerada voluntariamente como enerjia e emquanto o homem afivelar comodamente a mascara da virilidade.

Não se deveria considerar um fenomeno o facto de, num terreno como este tão escabroso, nascer esta flor tão delicada, talvez a mais delicada, de todas: — a Bondade?

SEBASTIÃO FAURE

Vitimas do trabalho

Os andaimes de um palacete que está sendo construido á praça Julio de Castilhos desabaram quinta-feira ultima, na ocasião em que os operarios trabalhavam.

Na quéda ficaram sob os escombros os trabalhadores Antonio Laisseir, Adolfo Margentels, João Pastro e Antonio Paganini, que sairam horrivilmente feridos.

Os srs. empreteiros, com o fim de de ganhar tempo e economizar materiais fazem andaimes lijeiros e de taboas ordinarias e podres, de forma a ocasionar desastres como estes; e ninguem lhes toma conta por isso. A policia comparece só para fazer os primeiros curativos e em seguida mandar os operarios irem se tratar em casa, como puderem.

Estamos certos que se aqueles trabalhadores fizessem uma greve para reclamar contra o pessimo estado dos andaimes ou qualquer outra reclamação de seus interesses a policia compareceria para «manter a ordem» e leval-los para cadeia.

Mas o burguez, empreteiro, apenas com uma esplicaçãosinha, dada aos jornaes de que não tinha culpa do desastre, que foi devido a um sarrafo «revesso», ficou livre de outros incomodos.

Além disso um operario que teve o «desaforo» de dizer que o andaime estava mal feito, foi esbofeteado pelo patrão, que esplicando o caso á sua vontade, deixou ainda o trabalhador passando como ruin.

E assim as classes burguezas, com um desprezo soberano pela vida dos pobres, que construem os seus palacetes emquanto se albergam em tristes casinholas, aliam-se e mutuamente protejem-se quando se trata de esplorar o trabalhador e este, que tudo produz e tudo paga, vê-se no isolamento mais completo ante as instituições que, mentirosamente, dizem curar dos interesses populares, quando não é mais senão esclusivamente o interesse duma classe que defendem.

Quando quererá o operariado compreender isso?

O COMUNISMO LIVRE

(DIÁLOGO)

— Diz-me cá: admitindo que amanhã triunfe a revolução, poderá então funcionar logo e sem dificuldade o comunismo anarquico na vida prática da sociedade?

— A' tua pergunta, meu caro, poderia responder-se com outra, com esta: Pensas que hoje a humanidade se mantém no aparente equilíbrio com que funciona, porque há ricos dum lado e pobres do outro, gente que manda e gente que obedece, gente que ri e gente que chora, gente que gasta dezenas de contos para pagar o beijo duma actriz e gente que morre de fome? Decerto que não, responderás.

E então, porque não havia de funcionar bem o comunismo anárquico numa sociedade em que as cauzas primas do mal (propriedade e autoridade) já não ezistissem e todos tivessem interesse no bom andamento das coizas?

— Sim; mas os serviços públicos, por ezemplo, a troca dos produtos, a Comuna, como será isso tudo organizado? como será regulado?

— Escuta. Antes de tudo, nós, os socialistas anarquistas, como jáos temos dito muitas vezes, não podemos agora afirmar o que amanhã sucederá precizamente, pois não podemos dizer hoje, de modo rigorozo, que isto ou aquilo há-de organizar-se e funcionar desta ou daquela maneira.

Não podemos afirmar tal, primeiro porque somos revolucionários e não formalistas; e segundo porque cada localidade, cada grupo se organizará como melhor lhe parecer, e conforme os serviços, bem como a índole e capacidade dos seus componentes.

Embora o fundo possa ser sempre e mesmo — *comunismo* em economia, *anarquia* como rejime politico — todavia certa forma particular de organização pode ser boa para aqui, mas imprópria para acolá, esplêndida, por ezemplo, no Rio Grande, e defeituoza no Amazonas.

O que desde já sabemos bem é que o mal deve ser destruido nas suas bazes; e que, quando cada um for interessado no bem de todos e todos tiveram meios de concorrer para o bom andamento de tudo, a organização social rezultante será decerto melhor que a actual e melhorará cada vez mais.

Posto isto, lá vai: Quanto aos *serviços publicos*, para simplificar a coiza, poderiam, por ezemplo, dividir-se em *locaes* e *federais*.

Aos locais poderiam, pertencer: bondes, ómnibus, escolas, farmácias, padarias, açougues e depózitos de géneros de primeira necessidade; iluminação limpeza e hijiene públicas; construção, etc.

Aos federais, as ferrovia, os vapores, os correios, telegrapho, etc.

E como, em cada localidade, é de

prever que todos, apenas tenham entrado na posse directa das matérias primas e dos instrumentos de trabalho, terão o cuidado de se organizar por artes e oficios, cada uma destas organizações porá mãos ao seu trabalho próprio para satisfazer os pedidos da colectividade.

E assim se estabelecerá, de modo natural, o que chamas a *troca dos produtos* e que, em comunismo, é antes a «organização da satisfação das necessidades». Cada ofício, cada indústria produz, no seu ramo, o que é precizo para todos, e todos terão assim directamente o necessario á vida, sem dinheiro.

Hoje só se produz para *vender*, o mais caro possivel; quem não pode comprar, não pode consumir!

— Muito bem; mas tu pensas que não haverá ninguem que não queira trabalhar?

— Talvez; mas ha-de ser muito difícil, porque um inimigo do trabalho seria desprezado por todos.

E deves reflectir bem nisto: o trabalho, em vez de ser uma pena como é hoje na maioria dos cazos, será amanhã uma ocupação agradável, um ezercício hijiénico.

Hoje, como sabes, um operário trabalha 10 a 12 horas por dia, e até mais, e ainda por cima é pelo patrão maltratado e muito mal pago.

Amanhã, porém, com uma organização melhor em proveito de todos, trabalhar-se-á menos horas e produzir-se-á mais.

— Como assim?

— Facilmente. Olha quantos máquinas há hoje inactivas nos depózitos, porque os seus possuidores esperam até que apareça quem as possa comprar! Pois se todas as essas máquinas e as que depois se poderiam fabricar fossem ultilizadas, quanto mais produção não se teria e quanto menos trabalho não haveria! Mais: se todos os soldados, padres, esbirros, majistrados, banqueiros, deputados, etc. se tornassem simples homens e se aplicassem a um trabalho produtivo, em vez de viver á custa dos outros como hoje não te parece que a sociedade ganharia muito?

— Sim, concordo; mas se todos trabalhassem como dizes, ¿como progrediriam as artes e as ciências todas?

— Ora! mais rápidamente do que hoje, e a razão é esta: pondo-nos todos á obra, e com a ajuda das máquinas como há pouco te dizia, o trabalho para satisfazer as necessidades da vida reduzir-se-ia a bem poucas horas por dia. Apenas acabado o trabalho manual — demos-lhe esse nome — como poderia cada um passar o resto do dia? A passear? a divertir-se? Pode ser que alguns o façam, e ninguem o poderá nem deverá impedir; mas cedo acabariam por se aborrecer. Outros, porém, ocupariam as muitas horas de vagar no estudo, nas ciências.

E admirará, portanto, que depois um agricultor seja ao mesmo tempo um bom agrónomo, um pedreiro um bom arquitecto, um ferreiro um destinto enjenheiro de máquinas, e assim por diante, unindo dêste modo a teoria á prática para vantajem da produção? Hoje, decerto, isso é muito dificil nas condições em que vive o operário! No fim de 10 ou 12 horas de esforço brutal, dizer-lhe que se instrua, é uma ironia insultante!

Pelo contrário: quem poderá calcular o enorme atrazo cauzado á ciência pela má organização social? Se a ciência estivesse ao alcance de todos e se o trabalhador não tivesse sido sempre escravo do capitalista ¿quantos génios não se teriam manifestado? ao passo que morreram incultos e ignorados.

— E' verdade. E' grande injustiça esta tão grande dezigualdade entre os homens. Mas, agora que me lembra: dissestes-me uma vez que em comunismo pode cada um entrar nos depózitos e pedir o que quizer. Assim me disseste; lembras-te?

— Sim, disse.

— Bom. Não te parece então que se faria mão baixa em tudo?

— Não creias. Imajina que ficavam abertos ao público e á dispozição de todos, todos os dias, os açougues, as padarias, as farmácias, etc.; pensas que todos iriam buscar mais do que o necessário? Para quê? Se alguem troussesse o dôbro da carne necessária, ou deixaria metade para o dia seguinte ou a deitaria fóra.

Quem iria fazer isso, tendo todos os dias carne fresca e em abundáncia?

Se alguem, ao princípio, o fizesse, em breve notaria que êsse desperdício era um êrro nocivo a todos e a si próprio. Caro amigo, será uma questão de se acostumar a um novo ambiente e de se convencer de que na verdade se vive numa sociedade muito diversa da burgueza.

Decerto, se queremos ou pretendemos julgar a sociedade futura pela escala daquela em que vivemos agora, não a poderemos conceber com grande perfeição. E' questão, repito, de ambiente novo, de moral nova, de educação nova.

Mas, cá estou em caza. Por hoje, deixo-te. Outro dia, á volta do trabalho, recomeçaremos. Até amanhã.

—Até amanhã.

E. M.

Liga Antimilitarista

ASSALTO E AGRESSÃO

Como está no dominio publico, a Liga Antimilitarista foi, em a noite de 15 do mez p. passado, assaltada selvaticamente por um grupo de individuos armados de revólveres, cacetes, adagas, refles, etc.

Registramos aqui o que a respeito disseram alguns jornaes desta capital:

Do *Correio do Povo*:

«Hontem, ás 9 horas da noite, um grupo de quinze individuos, armados, e que não foram reconhecidos, invadiu o prédio n. 539 da rua dos Andradas, quadra entre as ruas Vigario José Ignacio e Dr. Flores, onde se achavam reunidos diversos socios da «Liga Antimilitarista», que alí funciona.

Entre os assaltantes e os que se achavam dentro do predio, travou-se luta, saindo levemente feridos alguns dos contendores.

Durante o assalto, foram disparados quatro tiros.

Os moveis que guarnecem aquele predio ficaram danificados, assim como os vidros das janélas, os quaes, em sua maioria, foram quebrados.

O grupo, depois de praticado o assalto, retirou-se calmamente, sem que a policia aparecesse, apezar do estampido dos tiros, de ter-se produzido alarme e do facto haver ocorrido na principal rua da capital, ás 9 horas da noite!

Quando se retiravam, os atacantes davam vivas ao marechal Hermes da Fonseca e ao sorteio militar.

—Depois do assalto, esteve no local uma das patrulhas de alunos da escola de guerra que, sob o comando de um oficial, se achavam de serviço, hontem, á noite, no centro da cidade.

— Em nosso escritório, estiveram após o facto, dois membros da «Liga Antimilitarista», os quaes nos declararam que, haja o que houver, continuarão na propaganda das suas idéas, para o que pretendem realizar conferencias publicas.»

Do *Jornal da Manhã*:

«Fomos procurados hontem á noite, por uma comissão da «Liga Anti-Militarista»,que se nos queixou de um ataque sofrido por varios socios da mesma, na propria séde da agremiação.

Foi o caso que, estando reunidos no prédio em que funciona a «Liga», á rua dos Andradas, alguns membros do operariado local, viram de subito a sala invadida por um numeroso grupo, armado de bengalas e de revólveres.

Os referidos operarios retiraram-se precipitadamente da casa assaltada, sendo alguns atinjidos, á bengaladas, pelos agressores.

Houve tiros.

O facto é lamentavel.

Quaesquer que sejam as opiniões dos cidadãos reunidos no edificio da «Liga» — e não as queremos submeter a análise nestas linhas — eles têm o direito que lhes assegura o réjime politico vijente, de livre reunião e, a combatel-os, não se os deve combater por meio de violencias como a de hontem.»

Da *Gazeta do Commercio*:

«Sabado passado, ás 9 horas da noite, pouco mais ou menos, numeroso grupo de individuos dos quaes, segundo os colegas que já noticiaram o facto, nenhum foi reconhecido, assaltou o predio n. 539 sito á rua dos Andradas, onde aquela hora realisava uma sessão a «Liga Antimilitarista».

Houve tiros e facadas e o cacete roncou a valer.

Apagadas que foram as luzes pelos assaltantes, estabeleceu-se medonha confusão, sendo que muitos dos assistes precipitaram-se das janélas do edificio, que é muito alto, á rua.

O mobiliário da sala foi completamente espatifado e jogado á rua e os vidros das vidraças em sua maioria ficaram quebrados.

Este acto de salvajeria compromete, e muito, a causa que seus autores se propuzeram defender.

A «Liga Antimilitarista», como qualquer outra sociedade, tem o direito de reuniãoa, assegurado pelas leis do país.

— Logo depois do assalto, compareceu ao local o coronel João Leite, 1º delegado judiciario, que apreendeu vários objectos deixados no local.

Hoje, pelo capitão Daniel de Mendonça, 2º delegado judiciario, foi feito corpo de delicto no predio assaltado.»

—

As autoridades tomaram providencias e estão ajindo morosamente, como convém ao caso.

Se o brutal atentado tivesse partido dos operarios, já meia duzia estaria metida na cadeia; mas como partiu a agressão da outra classe contra os de «roupa desalinhada» é claro que a cousa ficará com uma «pedra e cim[illegible]».

De resto, seria injenuidade nossa esperar mais.

—

Após o atentado correu que a Liga Antimilitarista era composta de estranjeiros o que motivou um protesto de cerca de 40 socios brasileiros publicado nos jornaes diarios e que nós á mingua de espaço, não o podemos reproduzir.

E' sabido; sempre que se trata de trabalhadores que querem pensar diferente da «classe dirijinte» são considerados estranjeiros e inimigos, enquanto que os estranjeiros que possúem capitaes sao tidos como bons patricios, protejidos, eleitores e até oficiaes da Guarda Nacional.

Comprendem agora os trabalhadores porque afirmamos sempre que o proletario não tem patria?

Essa patria, que nos ezije tantos sacrificios pertence sómente a ELES!...

BIBLIOGRAFIA

Literatura anarquista

Acabam de aparecer as seguintes obras:

COMUNISMO ANARQUICO, por Pedro Kropotkine, S. Paulo, biblioteca Terra Livre.

NOTICIAS DE POLICIA..., por Federico A. Gutierrez, Buenos Aires.

CRIMEN DE MUCHOS (novela sociolojica contemporanea) 270 pag., Buenos Aires.

ALMANAQUE GERMEN, para 19[illegible], Buenos Aires.

L'ALMANACCO DELLA REVOLUZIONE para 1908 (sequestrado na Italia), está á venda na redação da Battaglia, S. Paulo, 500 réis o volume.

A «Terra livre», periódico libertario, uende-se nesta redacção a 100 réis o esemplar.

«Atentados»... policiaes

Como anunciamos em o nosso numero passado, entre a materia preterida ficara uma interessante cronica sobre a greve geral que, com ézito, teve lugar na Republica Arjentina, como protesto contra a iniqua lei de residencia — espulsão de estranjeiros (operarios, é claro) — e os episodios ridiculos da policia que pretendia fazer abortar aquele movimento; bem como a opinião de varios jornaes burguezes que, indignados, atacaram os meios infames de que serviu-se a mesma policia para poder perseguir os operarios que mais se salientassem nessa greve.

Na impossibilidade de podermos publicar desenvolvidamente esses factos, por escassez d'espaço, citaremos aqui dois casos bem caracteristicos; ambos ridiculos, e sobretudo um deles, interessantemente trajico.

Tal como a policia de Barcelona que, para poder perseguir os operarios que têm o valor de protestar contra o actual estado social, coloca bombas de dinamite nas ruas, nos passeios e nos cafés sem se importar com as victimas que possa ocasionar, a policia de Buenos Aires colocou uma bomba num vagão da Estrada de Ferro do Sul que, felizmente, não victimou ninguem; na ocasião da esplosão, porém, a policia arremeteu furiosamente sobre os transeuntes e chegada ao local fez diversos disparos de fogo ferindo algumas pessôas e ocasionando a morte de um operario da mesma estrada que, por sinal, não tinha querido aderir á greve.

O outro caso que foi descoberto e que toda a imprensa burgueza verberou indignada, passou-se do seguinte modo:

Nas vesperas de declarar-se a greve, a pretesto de um complot anarquista, a policia á noite cercou o local onde funciona a séde do Gremio dos Caldeireiros, tendo previamente preparado um bahú com esplosivos e duas facas que fez conduzir para as imediações. Dado o sinal foi assaltada a casa e postas em debandada as pessôas que lá estavam reunidas. Foi então que ali introduziram o misterioso bahú que os proprios policiaes alardearam depois como descoberta de uma fabrica de bombas!

Felizmente, para os operarios, foi em tempo provado que o tal bahù foi ali posto pela propria policia em virtude de ordens superiores!...

E assim terminou ridiculamente a farça maquinada pela policia contra a greve geral arjentina levada a efeito nos dias 13, 14 e 15 de Janeiro, a maior e talvez a mais importante que tenha ocorrida na America do Sul.

Patria e Internacionalismo

Do célebre criminalojista e sociologo A. Hamon. Nesta redação a 200 réis o volume.

CORRESPONDENCIA

Está agravando-se cada vez mais a situação em Portugal. Segundo carta que recebemos de um camarada, até a data em que nos escreve, o ambiente opressor que circundava os atos da ditadura Carlos-Franco em nada se modificou, apezar das promessas de anulação de decretos, etc. Perseguições, prisões, incertezas e os boatos meio alarmantes, é a situação atual. O povo está convencido de que o advento da republica é um feito indiscutivel num prazo mais ou menos curto; o exercito em sua maioria é rebelde e adverso á casa de Bragança; a oficialidade aristocratica é decididamente miguelista, a marinha é quasi republicana em sua totalidade e está disposta a pronunciar-se ao primeiro momento. E como si isto não bastasse para agrevar as cousas, juntemos-lhe o conchavo que eziste com a Inglaterra a pretêsto de manter a ordem nas possessões africanas de Lourenço Marques e ilhas de Cabo Verde emquanto o governo não normalisar a situação no reino e teremos o que o povo vaticina e almeja — a revolução — que lançará em campo os dois partidos mais fortes: os miguelistas e os republicanos.

Que nos dirão agora os patriotas da mudança de nacionalidade imposta aos cabo-verdes e marquesinos? Terão alguma cousa a alegar ainda com um fato tão indiscutivel? E depois quando dizemos que a nossa patria não tem fronteiras, que a patria dos homens é o mundo, chamam-nos sem sentimento.

Mais sentimentos tem a burguezia que pela força das armas ou pelo dinheiro obriga os homens a mudar de nacionalidade a todo o momento como aconteceu aos loreno-alsacianos, aos transvalianos, orangistas, filipinos e agora aos de Cabo Verde e Lourenço Marques.

Boicote aos produtos Mattarazzo, de S. Paulo.

FACTOS E COMENTARIOS

NOVO JORNAL

Segundo carta que recebemos, deverá aparecer dentro em breve, no Rio, sob os auspicios da «Liga Antimilitarista Brasileira», um jornal defensor da causa.

O novo periodico terá por titulo — NÃO MATARÁS! e em seu primeiro numero trará o programa e as bases da «Liga».

CONTRA O SORTEIO

De um artigo publicado no *Correio do Povo*, sobre o sorteio militar obrigatorio, trasladamos para aqui os trechos abaixo, na impossibilidade de transcreve-lo na integra por falta de espaço:

«Destituida de fundamentos historicos, contraria aos habitos e á indole do povo brasileiro, avêssa ás necessidades mais momentosas do paiz, atentatoria de disposições espressas do têsto constitucional como tudo já deixamos demonstrado em artigos anteriores, — a reforma militar que institue o serviço militar obrigatorio entre nós, ha de esbarrondar-se inevitavelmente, quaesquer que sejam as escoras com que porventura procurem ampara-la os divorciados do sentir nacional.

E desde que o povo, protestando sempre dentro da ordem, resistindo obstinadamente sem sair fóra da lei, — se negue, com animo forte e decidido a envergar a farda que lhe querem impôr a todo transe... não tardará que o sorteio tenha cumprido o seu triste fado em terras do Brasil».

SIMILIA...

Nas ezéquias mandadas rezar pela morte de d. Carlos, no catafalco, entre cirios e cruzes, figurava um trofeu de armas e petrechos de toda sorte que constituem os atrativos coreograficos das exibições do militarismo moderno.

E' estranho que um acto que deveria ser como um protesto contra a violencia de que foi vitima o morto, figurassem ostensivamente, e no primeiro plano, tantos instrumentos que da violencia predominante são a manifestaçāo a mais genuina!...

GREVE EM URUGUAY

Diariamente os jornaes desta capital têm recebido telegramas dando conta da importante greve de ferroviarios, declarada na estrada de ferro „Midland“.

A orijem do movimento foi se ter negado a directoria demitir um maquinista que era um mau companheiro de trabalho.

Os operarios da E. F. Central do Uruguay declararam-se solidarios com os de „Midland“, ficando assim interrompidas as comunicações desde Montevidéo até Quaraby na fronteira deste Estado.

Os telegramas têm feito referencias a consideraveis prejuizos dados ao comercio, bem como á atitude dos trabalhadores em greve que tem sido enérjica.

Os ultimos telegramas dizem continuar a greve, ameaçando outras classes pôrem-se em greve solidaria, afim de apressar a victoria dos operarios ferroviarios.

PRÓ «TERRA LIVRE»

Companheiros nossos, de lutas, organizaram uma «ação entre amigos» de um anel de ouro com brilhantes em beneficio da *Terra livre*, o valente paladino libertario que se publica no Rio.

A estração sera feita com a lotaria de 15 do corrente.

ESTILHAÇOS

Andam por ahi almas mesquinhas a assoalhar que o nosso modesto e incomodo periódico e toda nossa propaganda é obra d'estranjeiros.

E' cantiga velha. E propria de espiritos burguezes. Eles como tudo imitam do estranjeiro, desd' as sêas das exmas. sras. até as maneiras de melhor oprimir e esplorar, não podem admitir que o operario brasileiro conceba algo de seus direitos e liberdades e por eles empenhe luta.

Se fossemos patriotas, protestariamos...

* * *

— E o partido operario?
— Nasceu morto.
— Como ser d'outra fórma, se tinha como *parteiro*, a assistir-lhe o nascimento, o coveiro-mór das associações operarias?...

* * *

— Que diabo! Os jornaes pouco choraram a morte de d. Carlos!...
— E' que cedo verificaram não ser devida á obra dos bandidos anarquistas.

* * *

Telegrama:

«Na Fortaleza, capital do Ceará, os jornaes da oposição, em linguajem sediciosa, aconselham a reprodução, naquele Estado, do crime cometido no Terreiro do Paço, em Lisbôa».

Com certeza estes cearenses são anarquistas esrranjeiros...

* * *

Diz outro telegrama:

«Buenos Aires, 2 — A imprensa desta capital ridicularisa o telegrama-circular que o ministro das relações esteriores da Republica Arjentina, enviou para o estranjeiro, dando conta do atentado de que escapou o dr. Figueirôa Alcorta, presidente da republica.»

Decididamente a policia, por tão mal arrumar os atentados, desacreditou-os.

Não pegam mais...

Cecilius.

PELO MUNDO

FRANÇA

O partido socialista francês diante da atitude antimilitarista do povo, procura, como a burguesia, opôr lhe um dique que detenha a sua marcha triunfante. Mas é tarde já; essa ideia generosa alastra-se por todo o mundo. E não serão os socialistas com as suas leis que o farão retroceder pelo caminho direito que enveredou. De nada servirá ao deputado socialista Jaurés que, segundo os jornaes francêses, muito se preocupa com um projéto de mobilisação militar em que demonstrou profundos conhecimentos de tática!...

— O governo enviou uma missão estraordineria a Lisbôa, para representar a França nos funeraes de d. Carlos e seu filho. A França cimentada pelas cabeças de Luiz XVI e Maria Antonieta, cobre-se de luto pela morte do tirano de Portugal; isto, é, os republicanos da França condenam a obra dos republicanos de Portugal! Quanta farça!... Quanta politica!...

ESPANHA

Comunicam de Alicante que as cigarreiras de uma fabrica amotinaramse contra a introdução de maquinas em dita fabrica. O emprego da maquinaria traz o resultado imediato de pôr na rua um grande numero de trabalhadoras e comprende-se que elas protestem contra esta perspectiva de ter que ficar sem pão. Mas, apezar de tudo, esse protesto não é bom. Não devemos por obstaculos a entrada das maquinas nas fabricas e oficinas. O que devemos fazer, quando elas são introduzidas, é exijir diminuição das horas de trabalho, com a qual terão todos os trabalhadores ocupação. E assim a maquina em vez de ser um concorrente é um auxiliar do trabalhador. Não deve deixar-se que o capitalista desfrute só os beneficios da ciencia. E' preciso que delas desfrutem tambem os trabalhadores e já que ezistem maquinas que executam grande parte do trabalho humano, justo é que participando desse beneficio, cada trabalhador, trabalhe menos. O remedio contra as greves forçadas não está em fazer sair as maquinas das fabricas, mas sim em permanecer nelas menos tempo os trabalhadores. E quanto menor fôr o tempo maior será o numero dos ocupados.

ITALIA

Comunicam de Turim que iniciará brevemente sua publicação diaria *La Protesta Umana*, cuja redação ficará a cargo do escritor anarquista nosso camarada Henrique Malatesta, atualmente em Londres. E' este o primeiro jornal anarquista diario que se publica na Italia.

ALEMANHA

Comunicam de Berlim que os operarios metalurjicos em numero superior a 20 000 desligaram-se do partido socialista desiludidos completamente da ação politica. Depois de um periodo de parlamentarice e de chefismo uma falanje bem respeitavel, pelo numero, atira com as cangalhas que por tantos anos pesavam sobre os seus cogóte e resolve lutar como homens.

E' que os bonzos, sejam eles chefes de partidos socialistas ou de partidos operarios simplesmente, não satisfazem mais as aspirações que os operarios inteligentes aspiram e que o momento historico ezije. Este ezemplo dos metalurjicos alemães é bem frisante e talvez cale no animo e no cerebro de alguns dos nossos companheiros de infortunio, despertando os que aqui se tem mantidos indiferentes e abrindo os olhos dos basbaques que fizeram de idolo o primeiro parlapatão que lhes apareceu com ares de sabio e que muito mal sabe encubrir com seus ademanes efeminados as ambições desmedidas que alimenta.

INGLATERRA

Agrava se cada vez mais, em Manchester, a terrivel crise do trabalho porque atravessam todas as industrias desta rejião manufatureira. Milhares de trabalhadores acodem ao porto em procura de ocupação. Os carregadores declarar-se-ão em greve caso seja aceito um só desses desocupados. O ministro das colonias procura faze-los emigrar para a Australia e o Canadá, mas as camaras dessas colonias negam-se a subsidiar a emigração de trabalhadores industriaes.

Como se vê, isto põe em evidencia a bondade da questão social contemporanea. Os trabalhadores morrem de fome porque não tem trabalho, e não tem trabalho porque falta quem consume os produtos, que abarrotam os armazens! — São delicias da sociedade capitalista!...

— Dizem de Londres que um deputado socialista, depois de ter feito um discurso, foi levado em charola pelos carneiros de sua tosquia para uma reunião onde falou novamente. No ardor do entusiasmo oratorio eis que chega um grupo de operarios e vaia o orador a ovos e batatas.

Que bela perspetiva para os que alimentam a esperança de representar um dia o operariado no Congresso!

O povo trabalhador vai pouco a pouco compreendendo que os deputados só tratam do seus interesses e dos da burguezia: por isso não é de admirar que aconteçam destes casos. Para que quer o operario deputados? Para fazer leis que o infélicitem cada vez mais. Nesses casos bem andaram os operarios inglezes. Si algum dia aparecer no meio operario alguem que queira elevar-se, que queira ser deputado, chefe, etc., não poupamos as batatas nem os ovos.

BIBLIOTECA DA "A LUTA"

A SOCIEDADE FUTURA.--Esplendida obra de Jean Grave, onde a largos traços é delineada a futura sociedade anarquista baseada na solidariedade humana. Esta obra, que está traduzida em quasi todas as linguas do mundo, é dividido em 24 capitulos. Preço do volume 3$000.

EM VOLTA DUMA VIDA, de Pedro Kropotkine, 1 vol. 4$000.

EVOLUÇÃO, REVOLUÇÃO, IDEAL ANARQUISTA, do Eliseu Reclus 1 vol. 1$000.

PESTE RELIJIOSA, de João Most, 1 vol. 100 réis.

ALMANAQUE GERMEN, para 1908, em idioma hespanhol, editado pela revista Germen, de Buenos Aires, com diversas ilustrações e interessantes efemerides revolucionarias, onde vem narrados dia a dia os mais importantes fatos da vida operaria internacional. Preço do exemplar 500 réis.

BASES DO SINDICALISMO, do Emilio Pouget, escelente folheto de propaganda sindicalista, preço 200 réis.

PATRIA E INTERNACIONALISMO, de A. Hamon. Escelente folheto de propaganda anti-militarista, preço 200 réis.

—

A nossa biblioteca possúe, além dessas obras, um exemplar de muitas outras, em portuguez, francez, espanhol e italiano, de sociolojia, ciencias, artes, etc., que fazem parte do Gabinete de Leitura d'*A Luta*, franco a todos os operarios, isente de qualquer contribuição.

Fazem parte tambem do Gabinete de Leitura d'*A Luta*, além de muitos outros, os seguintes jornais e revistas do movimento:

EM PORTUGUEZ

A Terra Livre, periodico anarquista do Rio de Janeiro.

O Marmorista, orgão dos marmoristas do Rio de Janeiro.

Lucta Proletaria, orgão da Confederação Operaria Brasileira, de S. Paulo.

O Baluarte, orgão dos chapeleiros de São Paulo.

A Aurora Social, orgão da Federação Operaria de Santos.

Novos Horizontes, revista anarquista de Portugal.

A Vida, periodico anarquista de Portugal.

Germinal, periodico anarquista de Portugal.

EM ESPANHOL

Tribuna Libertaria, periodico anarquista da Rep. O. do Uruguay.

La Emancipacion, orgão da Federação Operaria Regional do Uruguay.

En Marcha, revista anarquista da Rep. do Uruguay.

La Protesta, diario anarquista da Republica Arjentina.

El Obrero Grafico, orgão das sociedades graficas, da Republica Arjentina.

Pensamiento Nuevo, periodico anarquista de Rep. Arjentina.

Germen, revista de sociolojia da Rep. Arjentina.

El Sindicato, orgão sindicalista dos caixeiros, da Republica Arjentina.

La Accion Socialista, orgão sindicalista da Rep. Arjentina.

La Aurora del Marino, orgão dos marinheiros da Rep. Arjentina.

El Hambriento, periodico anarquista do Perú.

El Oprimido, semanario anarquista do Perú.

Los Párias, bi-semanario anarquista do Perú

Tierra y Libertad, semanario anarquista da Espanha.

Salud y Fuerza, public. mensal ilustrada, importante revista orgão da Liga de Rejeneração Humana — Procreação conciente e limitada — da Espanha.

El Porvenir del Obrero, semanario anarquista da Espanha.

Boletin de La Escuela Moderna, orgão da escola do mesmo nome, da Espanha.

EM FRANCEZ

Les Temps Nuoveaux, revista anarquista, da França

L'Anarchiste, periodico anarquista, da França

Regeneration, revista anarquista-neo-maltusiana, da França

La Voix du Peuple, orgão da Federação Geral do Trabalho, da França.

Le Libertaire, semanario anarquista, da França.

EM ITALIANO

La Battaglia, semanario anarquista de S. Paulo, Brazil.

L'Agitatore, periodico anarquista da Rep Arjentina.

Il Pensiero, revista quinzenal de estudos sociais, da Italia.

La Vita Operaia, periodico anarquista da Italia.

La Pace, quinzenal anti-militarista, da Italia.

EM ESPERANTO

Brasil revuo esperantista, do Rio de Janeiro.

Socia revuo, revista mensal de sociolojia, da França.

Revuo esperantista, publicação revolucionaria, da França.

EM ALEMÃO

Revolutionär, orgão das federações anarquistas da Alemanha

Direkto Aktion, semanario anarquista, da Alemanha.

EM INGLEZ

Freie Regeneration, revista de estudos sociais, da Inglaterra.

Freedon, semanario anarquista da Inglaterra.

EM TCHEQUE

Volné Listy, periodico anarquista dos Est. Unidos.

—

As pessoas que quizerem adquirir qualquer obra, assignatura de qualquer revista ou jornal do movimento, de qualquer parte do mundo, podem faze-lo por nosso intermedio, que encarregamos-nos de manda-los vir isente de qualquer comissão.

A LUTA

—

Subscrição voluntaria

Lista da redação. — Arlindo (Rio) 2$, Um homem livre 2$, Peralta 500 rs., Clemente Dulinski 500 rs., Feliciano 800 rs., V. Fosolino 500 rs., A. Pesce 500 rs., J. Mazzaferro 1$, A Agoado 400 rs., J. Agoado 500 rs., E. Krüger 1$, Um padre 2$, Jacob Conrado 400 rs., F. Aaron 300 rs., Mena G. 200 rs., Braga 400 rs., Joaquim Hoffmeister 1$, P. Pesce 600 rs., L. Faccini 2$, Ladario 500 rs., Braga 1$, Aguiar 1$600, M. Peralta 1$. Francisco E S. 1$, Pani 1$, Viezas 5$, Merino 1$, Carreta 300 rs., José Mazzaferro 800 rs., Agoado 500 rs., Francisco Raya 1$, José Angulo Dias 2$ Total 34$700.

Lista de L. A. Cardozo. — 3 assinaturas trimestraes 3 000; um revolucionario, 1.000; 3 anarquistas, 500. Total 4 500.

O sr. Francisco Xavier da Costa, o celebre ex-bonzo operario, e que, ultimamente, apezar dos seus *principios* socialisticos, manifestou-se militarista e quiz arrancar a alguns incautos uma declaração contra a Liga Antimilitarista, anda agora empenhado em reunir provas de que atacamos os jornalistas.

Decerto, nós atacamos os jornalistas; mas os jornalistas venaes e mercenarios, sem convicções de especie alguma, e que vendem a pena ao primeiro que acenar-lhe com umas moedas ou com um bom *osso*; combatemos o jornalista servil que, em todas as emerjencias, está ao lado dos poderosos e da burguezia defendendo os seus odiosos privilejios e injustiças e continua e sistematicamente procura humilhar, espezinhar e combater o pobre, o proletario, o desprotejido; combatemos os pseudos jornalistas que fazem *democracias* para, lisonjeando os operarios pouco espertos com noticias sobre aniversarios, batizados e bailes, obter deles os vintens para sustentar uma folha de auto engrossamento; combatemos os jornalisteiros que, esquecendo-se da sua dignidade de homens, convertem-se vis em delatores e réles espiões policiais.

A estes, fique certo o sr. Costa, combateremos sempre, ainda mesmo que, para não o fazer, nos fosse oferecida uma cadeira de conselheiro ou deputado... pelo *partido* operario...

....

E afinal a intriguinha desta vez foi calpora...